

## **Mulheres na História da Ciência: Reflexões Iniciais sobre suas Contribuições à Zoologia Luso-Brasileira**

---

Thamires Luana Cordeiro

Isabel Maria Coelho de Oliveira Malaquias

Lenira Maria Nunes Sepel

### **Resumo**

*Este estudo consiste em uma pesquisa teórica, de natureza exploratória, bibliográfica e documental, cujo objetivo foi mapear mulheres que contribuíram para a História da Zoologia Luso-Brasileira. Trata-se de um recorte de uma pesquisa de doutorado em andamento, desenvolvida tanto no Brasil quanto em Portugal. O estudo fundamenta-se na metodologia e epistemologia feminista, que buscam resgatar a experiência de mulheres cientistas, com o propósito de valorizar e reconhecer o protagonismo das mulheres, no contexto do estudo, na História da Ciência. Para isso, foram identificados e utilizados repositórios digitais que se tornaram acervos para o desenvolvimento da pesquisa. Ao longo do estudo, foram identificadas, no mapeamento, 20 mulheres cientistas, sendo 11 portuguesas, 6 brasileiras, 1 alemã, 1 americana e 1 italiana. Este estudo apresenta informações sobre a trajetória dessas mulheres e suas contribuições para o campo da Zoologia e para a História das Mulheres na Ciência Luso-Brasileira, procurando contribuir para a superação de lacunas existentes nos estudos sobre mulheres na Zoologia e buscando favorecer um maior incentivo à participação de meninas e mulheres na ciência.*

**Palavras-chave:** *Mulheres na Ciência, Zoologia, Brasil, Portugal.*

### **Abstract**

*This study is a theoretical research, of an exploratory, bibliographic, and documentary nature, aimed at mapping women who contributed to the history of Luso-Brazilian Zoology. It is a section of an ongoing doctoral research, developed both in Brazil and in Portugal. The study is based on feminist methodology and epistemology, which aim to recover the experiences of women scientists, with the purpose of valuing and recognizing the protagonism of women in history, particularly in the context of the History of Science. To achieve this, digital repositories were identified and used as collections for the development of the research. Throughout the study, 20 women scientists were identified and mapped, including 11 Portuguese, 6 Brazilian, 1 German, 1 American, and 1 Italian. Thus, this study presents information about the trajectory of these women and their contributions to the field of Zoology and to the History of Women in Luso-Brazilian Science. Therefore, it seeks to contribute to filling gaps in the studies of women in Zoology and aims to encourage greater participation of girls and women in science.*

**Keywords:** *Women in Science, Zoology, Brazil, Portugal.*

### **INTRODUÇÃO**

A ciência é uma construção coletiva, uma linguagem desenvolvida por homens e mulheres para interpretar o mundo natural (Silva,<sup>1</sup> 2012; Chassot,<sup>2</sup> 2017). Nesse sentido, conforme Fabiane Ferreira da Silva (2012, p.32)<sup>3</sup> “entendo a ciência como uma invenção, uma construção social, cultural e histórica implicada em sistemas de significação e relações de poder. Portanto, a ciência não está isenta de intenções, mas está profundamente comprometida com interesses sociais, econômicos e políticos”. Outrossim, não há uma definição universal de ciência. Desse modo, há múltiplas concepções epistemológicas que atribuem significados ao termo relacionado à produção do conhecimento.

Para a filósofa da ciência, Eulalia Pérez Sedeño (2003)<sup>4</sup>, quando o assunto é Mulheres na Ciência, no imaginário social é comum de imediato apontar a ausência de mulheres no desenvolvimento da atividade científica ao longo da história. Para a autora, o fato é curioso, uma vez que a concepção supracitada é defendida por aqueles e aquelas que possuem uma visão ultrapassada de história da ciência, sem ao menos realizarem uma revisão coerente sobre a história do conhecimento científico.

A participação de Mulheres na Ciência é marcada por ausências e presenças, haja vista que nos anos iniciais da Revolução Científica, há um número significativo de mulheres envolvidas em atividades científicas. Contudo, com a profissionalização da ciência, a separação do público e do privado e suas nuances no capitalismo, a presença das mulheres se tornou mais restrita (Silva, 2012). Conforme Londa Schiebinger (2001, p. 64)<sup>5</sup> “diversos acessos ao trabalho científico eram disponíveis às mulheres antes da formalização rigorosa da ciência no século XIX.”

Assim sendo, “olhar para a História da Ciência é perceber que o campo científico ao longo dos tempos foi se constituindo essencialmente masculino, excluindo ou invisibilizando as mulheres” (Silva, 2012, p.14). Nesse sentido, para Paloma Nascimento dos Santos e Rochele de Quadros Loguercio (2013, p.1)<sup>6</sup>, “há um protagonismo masculino na história, que se reflete nas ciências e em seu ensino, fato que deixou de fora ou diminuiu a participação das mulheres durante muitos séculos”.

<sup>1</sup> Silva, F. F. da. *Mulheres na Ciência: Vozes, Tempos, Lugares e Trajetórias*. Tese de Doutorado em Educação em Ciências: Química da Vida e Saúde, Universidade Federal do Rio Grande, 2012.

<sup>2</sup> Chassot, A. *A Ciência é Masculina? É, Sim Senhora!*. São Leopoldo: Editora Unisinos, 2017.

<sup>3</sup> A utilização dos nomes completos de autoras e autores é uma prática alinhada à epistemologia feminista, que busca promover a visibilidade das mulheres nas produções acadêmicas.

<sup>4</sup> Sedeño, E. P. "Las Mujeres en la Historia de la Ciencia." *Revista Quark*, Barcelona 27, no. 27 (2003): 1-11.

<sup>5</sup> Schiebinger, Londa. *O Feminismo Mudou a Ciência?* São Paulo: EDUSC, 2001.

<sup>6</sup> Nascimento, P. N., And R. de Q. Loguercio. "Articulações entre as Discussões de Gênero e o Ensino de Ciências: Uma Proposta de Pesquisa." Paper presented at *Encontro de Debates sobre o Ensino de Química*, 2013.

Nos últimos anos, o campo de estudo sobre Mulheres na Ciência passou a receber maior notoriedade. Contudo, ainda há muito a ser feito. Fabiane Ferreira da Silva (2012)<sup>7</sup>, ao citar Marta García e Eulalia Pérez Sedeño (2006), destaca que os estudos sobre mulheres na ciência devem estimular a participação de mulheres na ciência, ao contrário de disseminar o “efeito Curie”, uma vez que o resgate descontextualizado de mulheres cientistas pode difundir a ideia de que somente mulheres “geniais e excepcionais” podem se tornar cientistas.

A zoóloga e professora da Universidade de Brasília, Veronica Slobodian (2021)<sup>8</sup>, destaca que, dentro da Biologia, a subárea da Zoologia apresenta uma disparidade no número de mulheres pesquisadoras em comparação ao número de homens pesquisadores. Nesse sentido, o presente estudo é um recorte de uma pesquisa de doutoramento sobre Mulheres na História da Zoologia. Diante do exposto, o objetivo do presente estudo é mapear mulheres que contribuíram para a Zoologia luso-brasileira, utilizando repositórios digitais como Scielo, Google, Scopus, Google Acadêmico e sites de instituições luso-brasileiras. Ademais, trata-se de um mapeamento inicial que subsidiará outras etapas da pesquisa em andamento.

## MULHERES NA CIÊNCIA: CONSIDERAÇÕES INICIAIS ACERCA DA ZOOLOGIA LUSO-BRASILEIRA

Conforme Hugo José Coelho Corrêa de Azevedo e Rosane Moreira Silva de Meirelles (2023)<sup>9</sup>, a Zoologia é um campo de estudo da Biologia que investiga os animais em seus diferentes contextos biológicos. Dessa forma, no contexto escolar, o autor e a autora ressaltam que o ensino formal de Zoologia no Brasil passou a ser documentado a partir de 1837, com a criação do Colégio Pedro II, estabelecido pelo decreto de 2 de dezembro do mesmo ano.

O Colégio Pedro II foi criado no estado do Rio de Janeiro. Assim sendo, é uma das instituições de ensino mais antigas e tradicionais do Brasil e tinha como pretensão educar a elite burguesa e masculina do país (Azevedo; Meirelles, 2023). No contexto do século XIX, Fabiane Ferreira da Silva (2012) destaca a criação das primeiras instituições voltadas para a educação de mulheres, conhecidas como Escolas Normais. Essas instituições, destinadas a formar professores do ensino primário, ofereciam um currículo que priorizava a formação moral e social, visando fortalecer o papel da mulher como mãe, esposa e dona

<sup>7</sup> Silva, F. F. da. *Mulheres na Ciência: Vozes, Tempos, Lugares e Trajetórias*. Tese de Doutorado em Educação em Ciências: Química da Vida e Saúde, Universidade Federal do Rio Grande, 2012.

<sup>8</sup> SLOBODIAN, V. "Por Que Não Devemos Culpar as Mulheres pela Disparidade de Gênero na Ciência?" *SciELO em Perspectiva Press Releases*, 2021. Accessed November 7, 2024. <https://pressreleases.scielo.org/blog/2021/03/22/por-que-nao-devemos-culpar-as-mulheres-pela-disparidade-de-genero-na-ciencia/>

<sup>9</sup> Azevedo, Hugo José Coelho Corrêa de, And Rosane Moreira Silva de Meirelles. "O Ensino de Zoologia na Educação Brasileira: um Resgate Histórico-Documental (1837-2002)." *História Da Educação* 27 (2023): e128647. <https://doi.org/10.1590/2236-3459/128647>.

de casa. O ensino incluía disciplinas como costura, bordado, economia doméstica e a formação de professoras.

De acordo com Luís Miguel Pires Ceríaco (2014)<sup>10</sup>, os primeiros estudos sobre a história da zoologia em Portugal remontam ao século XIX, embora já no século XVII existam registros de coleções de espécies e publicações, especialmente na Universidade de Coimbra. Com a criação dos Liceus, a partir da reforma de Passos Manoel em 1836, a história natural passa a tornar-se uma das disciplinas do programa educativo nacional, incluindo conhecimentos da Zoologia (Ceríaco, 2014). O estudo da História Natural integra uma disciplina intitulada “Introdução à Física, Química e História Natural”.

Em relação à presença das mulheres na ciência em Portugal, Marta Entradas (2023)<sup>11</sup> evidencia que as portuguesas enfrentaram um certo atraso em comparação a mulheres de outros países no acesso a diversas profissões, incluindo a científica. Esse cenário é atribuído à ditadura do Estado Novo, que governou o país de 1933 a 1974. Durante esse período, “a prática da ciência era escassa, conduzida por homens e principalmente restrita a laboratórios estatais, enquanto as mulheres eram principalmente limitadas aos papéis de dona de casa e mãe com base em uma ideologia e visão estritamente domésticas” (Entradas, 2023, p.4).

As universidades europeias começaram a ser criadas no século XI, destacando-se a Universidade de Bolonha, na Itália, fundada em 1088. Em Portugal, a Universidade de Coimbra foi fundada no ano de 1290, sendo uma das mais antigas instituições acadêmicas do mundo, e não admitiu mulheres até o ano de 1891 (Entradas, 2023). No Brasil, o acesso de mulheres ao ensino superior só foi permitido em 1879, com a "Reforma Leônicio de Carvalho" e o Decreto 7.247, de 19 de abril desse ano (Silva, 2012).

Segundo Veronica Slobodian (2021)<sup>12</sup>, na área da Zoologia é comum que pesquisadoras e pesquisadores realizem estudos em meio de florestas, matas e rios para coletar animais de estudo, e é comum que as mulheres sofram com o assédio nessas ocasiões, que vão desde assédio moral colocando em questionamento a sua capacidade de trabalho até situações constrangedoras de assédio sexual. A pesquisadora brasileira supracitada ainda menciona que a área de Zoologia vive uma disparidade

<sup>10</sup> Ceríaco, Luis Miguel Pires. *A evolução da zoologia e dos museus de história natural em Portugal*. Tese de doutoramento, Universidade de Évora, 2014. Acessado em 25 de novembro de 2024. <http://hdl.handle.net/10174/20827>.

<sup>11</sup> Entradas, Marta. "Women in Science: Rising Numbers but an Eternal Glass Ceiling." *Cultures of Science* 6, no. 1 (2023): 23-33. <https://doi.org/10.1177/20966083231167890>.

<sup>12</sup> Slobodian, V. "Por Que Não Devemos Culpar as Mulheres pela Disparidade de Gênero na Ciência?" *SciELO em Perspectiva | Press Releases*, 2021. Accessed November 7, 2024. <https://pressreleases.scielo.org/blog/2021/03/22/por-que-nao-devemos-culpar-as-mulheres-pela-disparidade-de-genero-na-ciencia/>.

comparada a outras áreas da biologia: “muitas mulheres iniciam seus estudos nessa área, mas desistem no caminho; e aquelas que continuam sofrem muito com a falta de reconhecimento” (Slobodian, 2021, p.1).

No ano de 2017, a editora multinacional Elsevier publicou o estudo "Gender in the Global Research Landscape<sup>13</sup>", no qual foram estudados 12 (doze) países. Nesse sentido, os resultados sinalizaram que Brasil e Portugal se destacaram por serem os locais com maior proporção de mulheres na pesquisa, correspondendo a 49%, no período entre 2011 e 2015 (p. 20 do referido estudo). Os estudos de Fabiane Ferreira da Silva (2012), Thamires Luana Cordeiro e Lenira Maria Nunes Sepel (2022)<sup>14</sup> destacam lacunas significativas na pesquisa sobre a presença das mulheres na ciência. Entre essas lacunas, incluem-se a ausência desse campo de estudo tanto no ambiente escolar quanto nas universidades, além da necessidade de políticas que promovam a permanência e o incentivo de mulheres na ciência. Por essa razão, torna-se pertinente a elaboração do presente estudo.

Duas mulheres desempenharam um papel importante no avanço da Zoologia, além de terem tido papéis determinantes para o progresso das mulheres no Brasil e em Portugal. No Brasil, Bertha Lutz (1894 – 1976) foi a segunda mulher a ingressar no serviço público do país. Além disso, conquistou o direito ao voto para as mulheres brasileiras e, como zoóloga, publicou estudos sobre o grupo dos Anfíbios anuros (Cordeiro; Sepel, 2022). Em Portugal, Seomara da Costa Primo (1895 – 1986) destacou-se como a primeira mulher a receber o grau de doutoramento em Biologia, tendo sido professora do ensino liceal e professora universitária (em acumulação entre 1921 e 1942), desenvolvido intensa atividade no campo científico, pedagógico e associativo, e publicado livros didáticos ilustrados de Zoologia voltados ao ensino básico, considerando a importância da educação das mulheres (Entradas, 2023; Mogarro, 2017).<sup>15</sup>

Nesse contexto, Fabiane Ferreira da Silva (2012) argumenta que as investigações sobre mulheres cientistas devem considerar os aspectos familiares, sociais, culturais e históricos, além dos acontecimentos políticos que influenciaram o ingresso dessas mulheres na ciência. Essa abordagem, segundo a autora, evita a mera repetição de nomes de mulheres que, ao quebrarem barreiras, são tratadas como exceções a uma regra, sem que se compreenda o contexto mais amplo de sua trajetória.

## METODOLOGIA

<sup>13</sup> Elsevier. *Gender in the Global Research Landscape*. Elsevier, 2017.

<sup>14</sup> Cordeiro, Thamires Luana, and Lenira Maria Nunes Sepel. "Mulheres na Ciência: O Uso do Teatro de Fantoches como Possibilidade para Divulgar a Cientista Brasileira Bertha Lutz nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental." *Revista de Ensino de Ciências e Matemática* 13, no. 2 (2022): 1-24. <https://doi.org/10.26843/renclima.v13n2a05>.

<sup>15</sup> Mogarro, Maria João. "Uma Mulher no Seu Tempo: Ciência, Arte e Educação num Percurso de Vida." *Educar em Revista*, no. 65 (July 2017): 119-34. <https://doi.org/10.1590/0104-4060.53320>.

Trata-se de uma pesquisa de natureza exploratória, bibliográfica e documental (Gil, 2001)<sup>16</sup>. Além disso, fundamenta-se em um dos princípios da metodologia feminista, conforme descrito por Martha Giudice Narvaz e Sílvia Helena Koller (2006)<sup>17</sup>, pois busca resgatar a experiência de mulheres cientistas com o intuito de empoderar grupos oprimidos, especialmente as mulheres. Nesse contexto, o recorte adotado neste estudo consiste em um mapeamento inicial de mulheres que contribuíram para a história da Zoologia Luso-Brasileira. A análise foi organizada a partir de três etapas: pré-análise; exploração do material e o tratamento dos resultados; a inferência e a interpretação (Bardin, 2016)<sup>18</sup>.

A pesquisa inicial foi realizada nos repositórios digitais Scielo, Scopus, Google Acadêmico e Google, com os termos “mulheres zoólogas”, “mulheres na zoologia”, “mulheres na história natural”, “mulheres na zoologia Brasil”, “mulheres na zoologia Portugal” e “mulheres na zoologia luso-brasileira”. No caso do Scopus, se utilizou os mesmos termos em inglês. Nos quatro acervos, os resultados preliminares direcionaram-se a temas mais amplos sobre a participação de mulheres na ciência, sem contemplar especificamente o campo da zoologia, o que evidencia o baixo número de estudos específicos sobre mulheres nessa área.

Dessa forma, foi necessário selecionar o material de análise por meio de uma leitura exploratória e flutuante dos conteúdos disponíveis nos repositórios digitais, buscando referências explícitas sobre mulheres zoólogas. A partir desse processo, foram identificados 20 sites acadêmicos que compõem o acervo deste estudo, por conterem informações sobre essas cientistas. Segundo Laurence Bardin (2016), a leitura exploratória permite estabelecer um primeiro contato com os documentos para avaliar sua relevância. Assim, foi elaborado o Quadro 1, listando os repositórios/sites que compõem o acervo desta investigação, onde foram identificados nomes e informações sobre mulheres zoólogas brasileiras e portuguesas.

#### QUADRO 1: ACERVO UTILIZANDO PARA O MAPEAMENTO DAS CIENTISTAS

Nome de repositório	Site
Scielo	<a href="https://scielo.org/pt/">https://scielo.org/pt/</a>
Scopus	<a href="https://www.scopus.com/search/form.uri?display=basic#basic">https://www.scopus.com/search/form.uri?display=basic#basic</a>
Repositório digital da história da educação	<a href="http://193.137.22.223/pt/patrimonio-educativo/repositorio-digital-da-historia-da-educacao/">http://193.137.22.223/pt/patrimonio-educativo/repositorio-digital-da-historia-da-educacao/</a>

<sup>16</sup> Gil, A. C. *Como elaborar projetos de pesquisa*. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002. 175 p

<sup>17</sup> Nárvaz, Martha Giudice, and Sílvia Helena Koller. "Metodologias Feministas e Estudos de Gênero: Articulando Pesquisa, Clínica e Política." *Psicologia em Estudo* 11, no. 3 (September 2006): 647–54. <https://doi.org/10.1590/S1413-73722006000300021>.

<sup>18</sup> Bardin, Laurence. *Análise de Conteúdo*. São Paulo: Edições 70, 2016.

Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa	<a href="https://www.fcsh.unl.pt/">https://www.fcsh.unl.pt/</a>
Instituto Universitário de Lisboa	<a href="https://iscte-iul.pt/">https://iscte-iul.pt/</a>
Museu Nacional da Universidade Federal do Rio de Janeiro	<a href="https://mndi.museunacional.ufrj.br/">https://mndi.museunacional.ufrj.br/</a>
Arquivo da Universidade de Lisboa	<a href="https://sistema-arquivos.ulisboa.pt/">https://sistema-arquivos.ulisboa.pt/</a>
Memória Científica – Pioneiras na Faculdade de Ciências do Porto	<a href="https://www.fc.up.pt/memoriascientifica/pnfcup/">https://www.fc.up.pt/memoriascientifica/pnfcup/</a>
Universidade do Porto	<a href="https://www.up.pt/portal/pt/">https://www.up.pt/portal/pt/</a>
Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura	<a href="https://www.unesco.org/pt/fieldoffice/brasilia">https://www.unesco.org/pt/fieldoffice/brasilia</a>
Senado Federal do Brasil	<a href="https://www12.senado.leg.br/hpsenado">https://www12.senado.leg.br/hpsenado</a>
Cadernos Pagu – Universidade Estadual de Campinas	<a href="https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/cadpagu">https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/cadpagu</a>
Academia Brasileira de Ciências	<a href="https://www.abc.org.br/">https://www.abc.org.br/</a>
Portal dos Mares do Sul da Universidade do Rio Grande	<a href="https://portaldosmaresdosul.eco.br/sobre-o-projeto/">https://portaldosmaresdosul.eco.br/sobre-o-projeto/</a>
Museu de Zoologia da Universidade de São Paulo	<a href="https://mz.usp.br/pt/pagina-inicial/">https://mz.usp.br/pt/pagina-inicial/</a>
Arquivo da Universidade de Coimbra	<a href="https://www.uc.pt/auc">https://www.uc.pt/auc</a>
Instituto Arara Azul	<a href="https://www.institutoararaazul.org.br/">https://www.institutoararaazul.org.br/</a>
Sociedade Brasileira de Zoologia	<a href="http://planarias.each.usp.br/system/artigos/33/original/2013-Entrevista_Eudoxia.pdf">http://planarias.each.usp.br/system/artigos/33/original/2013-Entrevista_Eudoxia.pdf</a>
FaunaNews	<a href="https://faunanews.com.br/">https://faunanews.com.br/</a>
Field Scientists in the Portuguese Empire	<a href="http://fiscipe.fc.ul.pt/">http://fiscipe.fc.ul.pt/</a>

FONTE: DADOS DO ESTUDO, 2024.

A seguir, serão apresentadas as descrições das mulheres cientistas zoólogas que contribuíram para a História da Zoologia Luso-Brasileira e que foram identificadas neste mapeamento inicial. Os resultados estão organizados em duas categorias: I. **Contribuições das Mulheres Cientistas para a História da**

**Zoologia em Portugal e II. Contribuições das Mulheres Cientistas para a História da Zoologia no Brasil.** A ausência das datas de nascimento e falecimento de algumas das cientistas deve-se ao fato de que essas informações não foram encontradas até o momento.

### **MULHERES QUE COINTRIBUIRAM PARA A HISTÓRIA DA ZOOLOGIA LUSO-BRASILEIRA: MAPEAMENTO INICIAL**

Ao todo, foram identificadas 20 mulheres cujos estudos contribuíram e que contribuem para a História da Zoologia Luso-Brasileira. Inicialmente, o mapeamento visava abranger apenas mulheres brasileiras e portuguesas. No entanto, durante a investigação, observou-se que mulheres de outros países, que passaram pelo Brasil, também desempenharam um papel importante, o que merece ser igualmente reconhecido e valorizado (Quadro 2). É importante destacar que outras profissionais têm contribuído ao campo de estudo. Contudo, as que serão apresentadas são aquelas identificadas no mapeamento descrito na metodologia da pesquisa.

**QUADRO 2: INFORMAÇÕES SOBRE AS CIENTISTAS IDENTIFICADAS NO ESTUDO**

País de origem	Número de cientistas	Nome das cientistas
Portugal	11	<ol style="list-style-type: none"> <li>1. Seomara da Costa Primo</li> <li>2. Amélia Vaz Duarte Bacelar</li> <li>3. Matilde Bensaúde</li> <li>4. Maria Luísa Martins Gomes Alves</li> <li>5. Sara M. B. Marques Manaças</li> <li>6. Maria Manuela da Gama</li> <li>7. Cláudia Sousa</li> <li>8. Leopoldina Ferreira Paulo</li> <li>9. Maria das Dôres Pereira de Souza</li> <li>10. Laura Rosa de Castro</li> <li>11. Judith Cortesão</li> </ol>
Brasil	6	<ol style="list-style-type: none"> <li>1. Bertha Lutz</li> <li>2. Eudóxia Maria Froehlich</li> <li>3. Janira Martins Costa</li> <li>4. Cleide Costa</li> <li>5. Sônia Aparecida Casari</li> <li>6. Neiva Guedes</li> </ol>
Alemanha	1	Emilie Snethlage
Estados Unidos	1	Doris Mable Cochran
Itália	1	Marta Vannucci

FONTE: DADOS DO ESTUDO, 2024.

## Contribuições das Mulheres Cientistas para a História da Zoologia em Portugal

Seomara da Costa Primo, nascida em 1895 e falecida em 1986, formou-se em História Natural pela Universidade de Lisboa, em 1919. Foi pioneira ao se tornar a primeira mulher a obter o título de doutora em Ciências Biológicas em Portugal, com a tese “Contribuição para o estudo comparativo da acção do arsénio e da colciquina na célula vegetal” (1942). Além disso, exerceu a docência no primeiro Liceu feminino português e também na Universidade de Lisboa. No campo da Zoologia, destacou-se pela publicação de diversos livros ilustrados, contribuindo significativamente para o avanço da área (Mogarro, 2017)<sup>19</sup>.

De acordo com António Nôvoa e Ana Teresa Santa-Clara (2003)<sup>20</sup>, 70 anos após a criação dos liceus masculinos, foi fundado o primeiro liceu feminino, em 1906, por meio de um Decreto datado de 31 de janeiro do mesmo ano. O decreto estabeleceu que a maioria dos/das professores deveria ser do sexo feminino e que determinadas disciplinas seriam exclusivas para mulheres (Nôvoa; Santa-Clara, 2003). Vale ressaltar que, em Portugal, o termo "liceu" corresponde ao que no Brasil é chamado de "colégio".

Nesse contexto, segundo Ana Cristina Martins (2013)<sup>21</sup>, Amélia Vaz Duarte Bacelar (1890–1976) formou-se em História Natural pela Faculdade de Ciências de Lisboa, em 1912, onde também veio a estudar Seomara da Costa Primo. Seguidamente, Amélia ingressou como naturalista e professora no Museu Zoológico e Antropológico, conhecido como Museu Bocage (Martins, 2013). Assim, ela se tornou uma das primeiras mulheres a construir uma carreira no campo da Zoologia em Portugal, destacando-se por suas publicações sobre aracnídeos, especialmente aranhas.

Para Ana Cristina Martins (2013), Amélia Bacelar exemplifica inúmeras mulheres que se destacaram na ciência por sua competência e dedicação ao conhecimento científico, muitas vezes apoiadas por homens pesquisadores; no caso de Amélia, esse apoio veio de seu marido, também zoólogo e membro de uma família influente ligada ao Museu Bocage. Contudo, ela escolheu manter seu sobrenome de solteira mesmo depois de se casar, uma decisão que refletia seu protagonismo e sua autonomia. Amélia é reconhecida internacionalmente por seus estudos sobre aranhas. Em sua homenagem, foi nomeado o gênero *Bacelarella* e diversas espécies de aranhas receberam seu sobrenome de solteira, como *Eustala bacelarae*, *Tybaertiella bacelarae* e *Zodarion bacelarae*.

<sup>19</sup> Mogarro, Maria João. "Uma Mulher no Seu Tempo: Ciência, Arte e Educação num Percurso de Vida." *Educar em Revista*, no. 65 (July 2017): 119–34. <https://doi.org/10.1590/0104-4060.53320>.

<sup>20</sup> Nôvoa, António., & Ana Teresa Santa-Clara. *Liceus de Portugal: Histórias, Arquivos, Memórias*. Lisboa: ASA, 2003.

<sup>21</sup> Martins, Ana Cristina. "Mulheres Cientistas e os Trópicos: Uma Visão Preliminar." In *Actas do Colóquio Internacional Ciência nos Trópicos: Olhares sobre o Passado, Perspectivas de Futuro*, edited by IICT, 2013.

De acordo com José Pedro Sousa-Dias (2013)<sup>22</sup>, uma mulher frequentemente esquecida na literatura histórica é Matilde Bensaúde. (1890-1969), cujas contribuições científicas continuam sendo de grande relevância em sua área de especialização. Filha de Alfredo Bensaúde (1856-1941), diretor e fundador do Instituto Superior Técnico da Universidade de Lisboa, e de Jane Gabrielle Eleonore Oulman (1862-1938), autora de materiais didáticos, seus pais se preocuparam em proporcionar-lhe uma educação poliglota, privilégio ao qual poucas pessoas tiveram acesso na época (Sousa-Dias, 2013).

Matilde Bensaúde estudou na Alemanha, na Suíça e na Universidade Sorbonne, em Paris, onde se licenciou em Ciências Naturais, em 1916, com especialização em Zoologia, Histologia, Embriologia e Botânica (Sousa-Dias, 2013). Doutorou-se, em 1918, com a tese "Recherches sur le cycle évolutif et la sexualité chez les Basidiomycètes". Foi a única mulher entre os fundadores da Sociedade Portuguesa de Biologia. Suas pesquisas se concentraram principalmente na Botânica, com ênfase no estudo dos basidiomicetos, um grupo de fungos (Sousa-Dias, 2013). No entanto, também realizou contribuições significativas para a Zoologia. Entre suas publicações, destaca-se um estudo sobre o escaravelho-americano, uma espécie de besouro (1931), que está disponível no acervo do Instituto Politécnico de Castelo Branco.

Por meio da Portaria nº 14.501, de 13 de agosto de 1953,<sup>23</sup> em Portugal, foi instituída a Missão Zoológica de Moçambique, com o objetivo de realizar as seguintes investigações: "estudo da biologia e taxonomia de transmissões de epizootias", o estudo da "entomofauna depredadora de produtos florestais e agrícolas"; o estudo da "prospecção piscatória, do plâncton e espécies marítimas"; "o da proteção à fauna"; "o da defesa contra os acrídeos (República portuguesa, 1953, p.175). De acordo com o projeto "Field Scientists in the Portuguese Empire"(2024)<sup>24</sup> da Universidade de Lisboa, três zoólogas participaram da missão: Maria Luísa Martins Gomes Alves, Amélia Bacelar e Sara Maria Bárbara Marques Manaças.

Conforme Catarina Augusta da Silva Santos (2021)<sup>25</sup>, Maria Luísa Gomes Alves foi uma especialista em coleópteros, com atuação destacada na Junta de Investigação do Ultramar, em Lisboa. Por sua vez, Sara Maria Bárbara Marques Manaças foi uma zoóloga que "publicou 20 artigos nos quais identificou e

<sup>22</sup> Dias, José Pedro Sousa. "'Meninas Prendadas' e 'Fêmeas Ambiciosas': Portugal, Cajal e o Papel da Mulher na Investigação Biológica na Primeira Metade do Século XX." In *Vir Bonus Peritissimus Aequ: Estudos de Homenagem a Arnaldo do Espírito Santo*, edited by M. C. Pimentel and P. F. Alberto, 989-1008. Lisboa: Centro de Estudos Clássicos, 2013.

<sup>23</sup> República Portuguesa. "Portaria nº 14 501, de 13 de Agosto de 1953." *Diário da República*, Série I, n.º [175], August 13, 1953.

<sup>24</sup> Fiscipe, Faculdade de Ciências da Universidade de Lisboa. 2024. *Field Scientists in the Portuguese Empire*. Acesso em 25 de novembro de 2024. <http://fiscipe.fc.ul.pt/>.

<sup>25</sup> Santos, Catarina Augusta da Silva. "Correspondência de Intercâmbio Científico no Arquivo Familiar de António de Barros Machado e Dora Lustig: Estudo de Organização e Representação de Informação." Master's thesis, Universidade de Lisboa, Faculdade de Letras, 2021. <http://hdl.handle.net/10451/50012>.

catalogou espécimes, relatou dados morfológicos e forneceu comentários taxonômicos e de distribuição. Embora tenha trabalhado com anfíbios e répteis, a maioria de seus artigos foram focados em répteis" (Ciríaco; Parrinha; Marques, 2021, p.86)<sup>26</sup>.

No contexto da Universidade de Coimbra, segundo Raboleira, Oromí e Gonçalves (2010)<sup>27</sup>, Maria Manuela da Gama foi uma zoóloga e professora catedrática na Faculdade de Ciências e Tecnologia, dedicando-se ao estudo dos colêmbolos. Outrossim, "das suas publicações sobre colêmbolos, de diversas partes do mundo, destaque-se os colêmbolos cavernícolas de Portugal, com descrição de inúmeras espécies" (Raboleira; Oromí; Gonçalves, 2010, p.27). Ademais, a sua tese de doutoramento intitulou-se "Colêmbolos de Portugal Continental", de 1964, e está disponível na Revista da Faculdade de Ciências da Universidade de Coimbra.

Segundo Joana Barros e Sílvio Mendes (2009)<sup>28</sup>, foi em Coimbra que nasceu uma das primeiras zoólogas primatólogas de Portugal, Cláudia Sousa (1975-2014), que se dedicou ao estudo do comportamento e da cognição dos chimpanzés. Licenciada em Biologia pela Universidade de Coimbra, Cláudia realizou pesquisas na África e no Japão. Além disso, atuou como docente na Universidade Nova de Lisboa e defendeu a importância da educação ambiental nas escolas. Em 2014, fundou a Associação Portuguesa de Primatologia (Barros; Mendes, 2009). Cláudia Sousa faleceu aos 39 anos, vítima de câncer.

Na Faculdade de Ciências da Universidade do Porto (FCUP), conforme documentado pelo projeto Memória Scientífica<sup>29</sup> da mesma instituição, três mulheres se destacaram no campo da Zoologia: Leopoldina Ferreira Paulo, Maria das Dôres Pereira de Souza e Laura Rosa de Castro. Isto posto, Leopoldina Ferreira Paulo (1908–1996) licenciou-se em Ciências Naturais pela Universidade do Porto (1933) e, em 23 de novembro de 1944, tornou-se a primeira mulher a obter o título de doutora na instituição. Além de atuar como assistente e professora de Zoologia no Departamento de Ciências Naturais da FCUP, Leopoldina realizou estágios nos Institutos de Zoologia de Paris e Hamburgo. Sua contribuição científica inclui diversas publicações, entre elas *"Contribution à L'Étude des Ostracodes du Portugal"* de 1969 (Memória Scientífica, 2023). De acordo com o projeto mencionado, Maria das Dôres Pereira de Souza (1889–1944) ingressou na

<sup>26</sup> Ceríaco, Luis M. P., Diogo Parrinha, e Mariana P. Marques. 2021. "Saving Collections: Taxonomic Revision of the Herpetological Collection of the Instituto de Investigação Científica Tropical, Lisbon (Portugal) with a Protocol to Rescue Abandoned Collections." *ZooKeys* 1052: 83–156. <https://doi.org/10.3897/zookeys.1052.64607>.

<sup>27</sup> Reboleira, Ana Sofia, Pedro Oromí, e Fernando J. M. Gonçalves. "Biologia subterrânea em zonas cárasicas portuguesas." Publicado em março de 2010. Acessado em 25 de novembro de 2024. <https://www.researchgate.net/publication/259867607> Biologia subterrânea em zonas cárasicas portuguesas.

<sup>28</sup> Barros, Joana Castro. *Vidas a Descobrir: Mulheres Cientistas do Mundo Lusófono*. Portugal: Temas e Debates, 2009.

<sup>29</sup> Biblioteca da Faculdade de Ciências da Universidade do Porto. "Memória Scientífica - Pioneiras na FCUP." 2023. Accessed November 20, 2024. <https://www.fc.up.pt/memoriascientifica/pnfcup/>.

Faculdade de Ciências da Universidade do Porto em 1911, ano de sua fundação, onde estudou Botânica e Zoologia. Em 1916, tornou-se a primeira mulher contratada como assistente e docente universitária naquela instituição de ensino superior, atuando no setor de Ciências Biológicas e no Museu e Laboratório de Zoologia. Por outro lado, Laura Rosa de Castro (1871–1926), com uma biografia pouco documentada, foi uma das primeiras mulheres a ser contratada como técnica pela FCUP, assumindo o cargo em 1919 e atuando no Museu de Zoologia da universidade (Memória Scientífica, 2023).

Para encerrar a lista de mulheres apresentadas nesta seção, cujas contribuições foram marcantes para a Zoologia em Portugal, e introduzir a próxima categoria do estudo *Contribuições das Mulheres Cientistas para a História da Zoologia no Brasil*, destacamos Maria Judith Cortesão (1914–2007). Sua influência foi significativa tanto na história da Zoologia portuguesa quanto na brasileira.

Segundo Vânia da Costa Machado (2016)<sup>30</sup>, Maria Judith Cortesão foi uma cientista, educadora e ambientalista portuguesa que se estabeleceu no Brasil em 1940, na cidade de Rio Grande, no estado do Rio Grande do Sul, anos após deixar Portugal devido à perseguição de sua família pelo regime salazarista, em razão da militância política de seu pai. Ela foi presa em Lisboa por participar de manifestações contra o regime e, posteriormente, internada em um hospital da cidade. Em julho de 1936, aos 21 anos, conseguiu fugir ao se jogar de uma janela do hospital (Machado, 2016).

Segundo Vânia da Costa Machado (2016)<sup>31</sup>, no Brasil, Judith Cortesão foi fundadora da Fundação SOS Mata Atlântica, uma das organizações brasileiras mais influentes do país, dedicada à conservação do bioma que lhe dá nome. Ela também teve uma importante atuação no Ministério do Meio Ambiente, onde contribuiu para a elaboração de políticas ambientais (Machado, 2016). Entre 1994 e 2001, foi professora no Mestrado em Educação Ambiental da Universidade Federal do Rio Grande (FURG), o primeiro do país, do qual foi uma das criadoras (Machado, 2016).

Em 2003, viajou a Brasília para receber a Grã-Cruz da Ordem do Mérito Cultural, concedida pelo presidente Luiz Inácio Lula da Silva (Machado, 2016). No campo da Zoologia, além de fundar a SOS Mata Atlântica, escreveu o texto do documentário *Emas, Parque Nacional do Cerrado* e representou o Brasil na 3ª Reunião da Convenção das Nações Unidas para a Conservação de Espécies Animais Silvestres Migratórias, em Genebra, na Suíça, em setembro de 1991. Em suas próprias palavras, Judith se considerava uma verdadeira brasileira (Machado, 2016).

<sup>30</sup> Machado, Vânia da Costa. *Memórias em Arquivos Pessoais: a Trajetória de Vida de Judith Cortesão a Partir de Seu Arquivo Pessoal*. Dissertação de Mestrado em Memória Social e Patrimônio Cultural. Universidade Federal de Pelotas, 2016.

<sup>31</sup> Machado, Vânia da Costa. *Memórias em Arquivos Pessoais: a Trajetória de Vida de Judith Cortesão a Partir de Seu Arquivo Pessoal*. Dissertação de Mestrado em Memória Social e Patrimônio Cultural. Universidade Federal de Pelotas, 2016.

Se perguntassem a ela se era portuguesa ela dizia: “não, sou brasileira”. [...] Mas “peraí” um pouquinho, com esse sotaque todo, como que acreditarão que és brasileira? E um dia ela me respondeu, ela disse o seguinte: a nação nunca pediu desculpas à família pelo que fizeram com o pai dela, então, a honra era ser brasileira (BARCELOS, 2014; MACHADO, 2016, p.115)<sup>32</sup>.

Diante do exposto, Ana Cristina Martins (2013)<sup>33</sup> observa que, ao longo da história de Portugal, as pioneiras foram conquistando seu espaço, muitas vezes com o apoio de figuras masculinas, como pais e maridos, que lhes abriram portas para a participação científica. As primeiras a concluir seus estudos o fizeram em Coimbra, e posteriormente em Lisboa e no Porto (Martins, 2013). Contudo, suas contribuições permanecem ocultas em uma história que silencia o papel das mulheres no avanço científico. Assim, resgatar essa história é recuperar a memória e o protagonismo daquelas que deixaram suas contribuições para a História da Ciência.

### Contribuições das Mulheres Cientistas para a História da Zoologia no Brasil

De acordo com Thamires Luana Cordeiro e Lenira Maria Nunes Sepel (2022)<sup>34</sup>, Bertha Maria Júlia Lutz (1894–1976) foi uma cientista, zoóloga, educadora e política brasileira. Nascida em São Paulo, Bertha passou parte de sua infância na cidade. Na juventude, foi incentivada por seus pais, Adolpho Lutz, um cientista brasileiro, e Amy Fowler, uma enfermeira inglesa, a estudar Ciências Naturais na Universidade de Sorbonne, em Paris. Isto posto, na França, além de concluir sua formação acadêmica, Bertha Lutz envolveu-se ativamente no movimento feminista europeu, experiência que influenciou toda a sua trajetória.

Ao retornar ao Brasil, dedicou-se à pesquisa científica no Museu Nacional, onde trabalhou por 46 anos, e à luta pelos direitos das mulheres. Como uma das principais líderes do feminismo no Brasil, Bertha conquistou o direito ao voto para as mulheres brasileiras, um marco histórico oficializado em 24 de fevereiro de 1932, com a promulgação do Decreto nº 21.076. Na zoologia, Bertha destacou-se no estudo dos anfíbios anuros, publicando trabalhos sobre sapos, rãs e pererecas. Entre suas contribuições estão *"Lutz's Rapids Frog"*, onde descreveu o *Paratelmatobius lutzii*, uma espécie de anuro, e *"Brazilian Species of Hyla"*, uma revisão abrangente sobre pererecas brasileiras (Cordeiro; Sepel, 2022). Apesar de suas significativas

<sup>32</sup> Barcellos, Lauro. *Discurso proferido na abertura da "Exposição 100 anos Judith Cortesão," na Biblioteca Central da FURG, em 09 de dezembro de 2014*. Rio Grande, 2014. Gravação sonora.

<sup>33</sup> Martins, Ana Cristina. "Mulheres Cientistas e os Trópicos: Uma Visão Preliminar." In *Actas do Colóquio Internacional Ciência nos Trópicos: Olhares sobre o Passado, Perspectivas de Futuro*, edited by IICT, 2013.

<sup>34</sup> Cordeiro, Thamires Luana, and Lenira Maria Nunes Sepel. "Mulheres na Ciência: O Uso do Teatro de Fantoches como Possibilidade para Divulgar a Cientista Brasileira Bertha Lutz nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental." *Revista de Ensino de Ciências e Matemática* 13, no. 2 (2022): 1-24. <https://doi.org/10.26843/renclima.v13n2a05>.

contribuições para a Ciência e para a história das Mulheres brasileiras, e da grande quantidade de fontes sobre sua biografia, Bertha Lutz ainda é pouco reconhecida.

Por outro lado, uma zoóloga brasileira cuja biografia ainda carece de documentação é Eudóxia Maria Froehlich (1928–2015). Segundo informações obtidas em uma entrevista à Sociedade Brasileira de Zoologia (SBZ, 2013) e em seu currículo Lattes, Eudóxia graduou-se em História Natural pela Universidade de São Paulo (USP), em 1951 e, na mesma instituição, obteve o doutorado em Zoologia. Após sua aposentadoria, permaneceu como professora emérita no Departamento de Zoologia da USP, onde atuou até o seu falecimento, dedicando mais de 60 anos ao estudo das planárias neotropicais. Filha do naturalista e ornitólogo Olivério Pinto, Eudóxia relata na entrevista que suas caminhadas por áreas de mata e visitas a zoológicos com seus pais foram fundamentais para despertar seu interesse pela Zoologia (Carbayo, 2013)<sup>35</sup>.

Outra zoóloga sobre a qual há poucos registros históricos é Janira Martins Costa (1941–2018). Natural de Pernambuco, formou-se em Ciências Naturais pela Universidade Gama Filho, no Rio de Janeiro (Anjo-Santos; Almeida, 2018)<sup>36</sup>. Em 1964, iniciou sua trajetória como estagiária no Museu Nacional da Universidade Federal do Rio de Janeiro (MN/UFRJ). Mais tarde, em 1976, tornou-se professora assistente de Zoologia na mesma instituição. Entre 1994 e 1998, ocupou o cargo de diretora do Museu, dedicando-se a diversas atividades de ensino, pesquisa e extensão (Anjo-Santos; Almeida, 2018).

Segundo Danielle Anjos-Santos e Gisele Luziane de Almeida (2018, p.1), Janira Martins Costa “foi uma entomologista brasileira que dedicou sua vida acadêmica à sistemática e taxonomia das libélulas, insetos da Ordem Odonata”. Outrossim, segundo as autoras supracitadas, Janira atuou como professora em diferentes instituições brasileiras: Universidade Federal de Santa Maria (UFSM-1968-1969); Centro de Aperfeiçoamento de Ciências da Guanabara, (CECIGUA-1970 -1972); Faculdade de Humanidades Pedro II, (FAHUCE - 1970- 1979); Universidade Gama Filho, (UGF-1970-1991); Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, (UFRRJ-1972-1976) (Anjo-Santos; Almeida, 2018). Ademais, no que tange à Zoologia:

A vida Acadêmica de Janira Costa refletiu seu grande entusiasmo pela taxonomia dos Odonata, mesmo em períodos de férias costumava dedicar algumas horas a pesquisa no laboratório de Insetos Aquáticos do Museu Nacional. Realizou diversas expedições científicas por estados do Sudeste, Centro-Oeste e Norte do país, assim como, por países da América Latina como Paraguai, Uruguai e Argentina, incrementando a Coleção de Odonata do Museu Nacional, da qual foi curadora até 2012 (Anjo-Santos; Almeida, 2018, p.1).

<sup>35</sup> Carbayo, F. "Vida de Zoólogo: Eudóxia Maria Froehlich." *Informativo da Sociedade Brasileira de Zoologia* 106 (2013): 7-10.

<sup>36</sup> Anjos-Santos, Danielle, and Gisele Luziane de Almeida. "Necrólogo Janira Martins Costa (1941-2018)." *EntomoBrasilis* 11, no. 1 (2018): 63-64. <https://doi.org/10.12741/ebrazilis.v11i1.781>.

Outra zoóloga de grande destaque tanto no cenário nacional quanto internacional da entomologia é Cleide Costa (1940). Conforme seu currículo Lattes, ela é graduada em História Natural pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (UNESP), campus de São José do Rio Preto, São Paulo, e doutora em Zoologia pelo Instituto de Biociências da USP. Segundo informações do site do Museu de Zoologia da USP<sup>37</sup>, Cleide atua como docente e pesquisadora no museu, onde continua desenvolvendo pesquisas e orientando estudantes de pós-graduação, mesmo após sua aposentadoria.

Ao longo de sua trajetória no Museu de Zoologia, Cleide ocupou a chefia do setor de Entomologia em diversos períodos e inovou o sistema de armazenamento das coleções de Coleoptera, implementando armários compactos deslizantes. Ela foi pioneira no estudo de formas imaturas de Coleoptera e outros insetos, sendo a principal autora da obra *Larvas de Coleoptera do Brasil* (1988), que lhe rendeu importantes premiações, além de ser autora de outros estudos no campo da Zoologia entomológica. Assim sendo:

Sua produção bibliográfica e técnica somam mais de 200 trabalhos científicos em morfologia comparada, bionomia, taxonomia, filogenia e bioluminescência de adultos e imaturos de Coleoptera em geral e dos Elateroidea, principalmente a família Elatridae. Na área da biodiversidade e coleções biológicas publicou vários artigos científicos sobre os diagnósticos dos acervos brasileiros de Insecta, Coleoptera, destacando o número total de espécimes, gêneros e espécies por família, nível de sistematização, estado de conservação, área geográfica representada, projetos de pesquisas e perspectivas futuras (Cleide Costa, 2020, p.2) <sup>38</sup>.

Também no Museu Nacional de Zoologia da USP, Sônia Aparecida Casari é outra zoóloga que se destaca no estudo entomológico de Coleoptera, com ênfase na família Elateridae. Conforme seu currículo Lattes, graduou-se em Ciências Biológicas pela Universidade de São Paulo em 1978 e realizou mestrado e doutorado na mesma instituição entre os anos de 1983 e 1990, sob a orientação de Cleide Costa. Fez pós-doutorado no American Museum of Natural History (1993) e, atualmente, é docente no Museu de Zoologia da USP, desenvolvendo pesquisas sobre Coleoptera, especialmente Elateridae, e larvas de Coleoptera em geral. É uma das autoras da segunda edição e atualização do livro *Insetos do Brasil*, um trabalho de dez anos que descreve todos os insetos identificados no Brasil até o presente momento (Inácio, 2024)<sup>39</sup>.

No que diz respeito à história da Zoologia no Brasil, é fundamental mencionar o Instituto Arara Azul<sup>40</sup>, fundado pela zoóloga Neiva Guedes (1962). De acordo com o site do instituto e seu currículo Lattes,

<sup>37</sup> Costa, Cleide. "Cleide Costa." *Museu de Zoologia da USP*. Accessed November 19, 2024. <https://mz.usp.br/pt/docentes/cleide-costa/>.

<sup>38</sup> Cleide Costa. "Produção Bibliográfica." Cleide Costa. Accessed November 19, 2024. <https://www.cleidecosta.com/producao-bibliografica>.

<sup>39</sup> Inácio, Livia. "Corrida Contra o Tempo para Conhecer os Insetos Brasileiros." *Fauna News*, November 6, 2024. <https://faunnews.com.br/corrida-contra-o-tempo-para-conhecer-os-insetos-brasileiros/>.

<sup>40</sup> Instituto Arara Azul. "Histórico." Acesso em 20 de novembro de 2024. <https://www.institutoaraazul.org.br/o-instituto/historico/>

Neiva é graduada em Ciências Biológicas pela Universidade Federal do Mato Grosso do Sul (UFMS) e doutora em Zoologia pela Universidade Estadual Paulista (UNESP). Atualmente, atua como professora e pesquisadora no Programa de Pós-Graduação em Meio Ambiente e Desenvolvimento Regional da Universidade Uniderp. Desde 1990, ela lidera o Projeto Arara Azul, dedicado ao estudo e à conservação dessa espécie, além de apoiar estudos sobre outras aves. Paralelamente, Neiva coordena atividades de educação e sensibilização ambiental voltadas para crianças e estudantes, promovendo a conscientização sobre a preservação ambiental. Anualmente, o projeto realiza mais de 1.600 monitoramentos no Pantanal sul-mato-grossense e mato-grossense, região que abriga uma população de aproximadamente 5 mil indivíduos de araras-azuis.

Entre as mulheres estrangeiras que estiveram no Brasil e desempenharam um papel significativo na história da Zoologia, destacam-se Emilie Snethlage, Doris Mable Cochran e Marta Vannucci. Nesse contexto, segundo Diana Alberto e Nelson Sanjad (2019), Emilie Snethlage (1868-1929), de origem alemã, foi a primeira mulher a integrar uma instituição de pesquisa no Brasil, destacando-se como pioneira no estudo das aves na Amazônia. Ela chegou em 1905 para atuar na seção de Zoologia do Museu de História Natural e Etnografia. Além disso, Emilie Snethlage perdeu a mãe muito cedo e, desde a infância, demonstrava seu interesse pela ciência, capturando aves no jardim de sua casa para estudá-las (Alberto; Sanjad, 2019)<sup>41</sup>.

No Museu em que Emilie Snethlage trabalhou, seu nome era registrado no masculino, como "Emilio Snethlage", o que evidencia a invisibilidade de sua identidade como mulher e cientista (Alberto; Sanjad, 2019). À luz disso, "não raro, referia-se a si própria usando palavras, expressões e frases no masculino, uma estratégia discursiva (e política) também utilizada por outras mulheres no mesmo período (Alberto; Sanjad, 2019, p.1049). Além de sua significativa contribuição para a Zoologia, especialmente nos estudos sobre aves, como a sua obra *Catálogo das aves amazônicas* (1914), Emilie também se dedicou ao estudo dos povos originários (Alberto; Sanjad, 2019).

seu papel como cientista extrapolou suas atividades imediatas, deixando-nos um significativo legado cultural, principalmente às mulheres, que ainda buscam se firmar em campos profissionais tradicionalmente masculinos, como o científico. Apesar de viver em uma época na qual as mulheres ainda estavam a ampliar seu espaço na sociedade, em pouco tempo Emilia despontou como uma das mais importantes cientistas do Brasil (Alberto; Sanjad, 2019, p.1048).

<sup>41</sup> Alberto, Diana, and Nelson SANJAD. "Emilia Snethlage (1868-1929) e as razões para comemorar seus 150 anos de nascimento." *Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi. Ciências Humanas* 14, no. 3 (2019): 1047-1070. <https://doi.org/10.1590/1981.81222019000300018>.

Segundo Maria Margaret Lopes (2006)<sup>42</sup>, outra zoóloga que esteve no Brasil, feminista e amiga de Bertha Lutz, foi a americana Doris Mable Cochran (1898–1968), que também estabeleceu colaborações científicas com Bertha Lutz e seu pai, Adolpho Lutz. De acordo com Mariana Moraes de Oliveira Sombrio (2016), Doris era especialista em herpetologia e veio ao Brasil, em 1935, para coletar material botânico e zoológico por intermédio de Bertha Lutz. Além disso, recebeu de Adolpho Lutz doação de materiais zoológicos. Durante os seus estudos, Doris publicou a obra *The Frogs of Southeastern Brazil* (1955) e, ao longo de sua carreira, descreveu cerca de 100 novas espécies e 6 novos gêneros (Sombrio, 2016)<sup>43</sup>.

Para finalizar a apresentação das mulheres identificadas neste estudo, ressaltamos a trajetória da italiana Marta Vannucci (1921–2021) pioneira ao se tornar a primeira mulher a integrar a Academia Brasileira de Ciências (ABC) como membra titular. De acordo com Alexandre Gonçalves Varela (2016)<sup>44</sup>, Marta chegou ao Brasil ainda criança, em 1930, devido ao seu pai, um médico e professor universitário de uma família famosa e rica, que militava contra o fascismo na Itália. Ela formou-se em História Natural pela USP em 1943, sendo orientada pelo conhecido zoólogo alemão Ernst Marcus, refugiado no Brasil devido à perseguição aos judeus durante a II Guerra Mundial (Varela, 2016).

À vista disso, Marta Vannucci atuou como assistente na cadeira de Zoologia ao lado de seu orientador, e seu primeiro trabalho concentrou-se nos animais marinhos (Varela, 2016). Ela realizou diversas excursões para a Cananéia e outros locais, durante as quais coletou espécies de plâncton marinho, resultando em inúmeras publicações que consolidaram sua carreira científica e seu papel de destaque no Instituto Oceanográfico da USP, do qual foi uma das fundadoras (Varela, 2016). Entre seus principais estudos, destacam-se: *Hydrozoa e Scyphozoa existentes no Instituto Paulista de Oceanografia; Distribuição dos Hydrozoa até agora conhecidos nas Costas do Brasil e On the Ecology of Brazilian Medusae* (Varela, 2016). Assim, "os artigos publicados por Marta no Boletim do IO-USP revelam a sua intensa produção de conhecimento científico sobre os mares" (Varela, 2016, p. 20).

Mulheres cientistas como Marta Vannucci, Bertha Lutz, e tantas outras, devem ter os seus perfis ressaltados, pelo lugar que ocuparam, e fundamentalmente pela prática e a produção de conhecimento. A trajetória individual de cada uma delas deixa transparecer que elas foram seres

<sup>42</sup> Lopes, Maria Margaret. "Bertha Lutz e a importância das relações de gênero, da educação e do público nas instituições museais." *Musas – Revista Brasileira de Museus e Museologia* 2, no. 2 (2006): 41–47. Rio de Janeiro: Iphan.

<sup>43</sup> Sombrio, M. M. de O. "Em Busca Pelo Campo – Mulheres em Expedições Científicas no Brasil em Meados do Século XX." *Cadernos Pagu*, no. 48 (2016). <https://doi.org/10.1590/18094449201600480009>.

<sup>44</sup> Varela, A. G. 2016. "Os Textos da Cientista Marta Vannucci Sobre o Plâncton no Instituto Oceanográfico da Universidade de São Paulo (1946-1969)." *Cadernos Pagu* (48): e164810. <https://doi.org/10.1590/18094449201600480010>.

corporificados, com nome e sobrenome, fato que as credencia para serem cada vez mais efetivamente incorporadas na literatura de gênero (Varela, 2016, p.21).

Diante do exposto, resgatamos a trajetória de mulheres brasileiras e estrangeiras que contribuíram para a história da Zoologia no Brasil. Assim, é possível identificar a presença de mulheres em diversas atividades científicas ao longo de diferentes períodos da história do Brasil. Algumas dessas mulheres ingressaram na ciência sob a influência de figuras masculinas, enquanto outras se inseriram nesse campo devido à luta histórica das mulheres que garantiu seu acesso às instituições de ensino. Ao contrário das cientistas apresentadas na categoria *Contribuições das Mulheres Cientistas para a História da Zoologia em Portugal*, todas já falecidas, neste contexto destacamos também zoólogas que, atualmente, realizam seus estudos sobre a zoologia brasileira, servindo de inspiração para as futuras gerações de mulheres cientistas.

Resgatar a memória e o papel das mulheres na produção do conhecimento científico é um compromisso com a história e com as gerações futuras. A trajetória dessas mulheres pode servir como fonte de inspiração e motivação para a participação de meninas e mulheres na ciência, um campo ainda amplamente associado ao masculino. Além disso, o Ensino de Ciências, ao se concentrar predominantemente nos conteúdos, muitas vezes ignora o contexto histórico e as contribuições de mulheres. Assim, é essencial, além de promover esse resgate histórico, lutar pela inserção do estudo sobre Mulheres na Ciência nos currículos escolares, para que essa narrativa seja reconhecida e valorizada também nas escolas e demais instituições de ensino.

## CONCLUSÃO

A investigação apresentada permitiu identificar e descrever brevemente a vida e a trajetória de 20 mulheres que desempenharam e ainda desempenham um papel relevante na História da Zoologia Luso-Brasileira. Observa-se que essas mulheres viveram em períodos históricos distintos, enfrentando desafios e oportunidades diferentes ao longo de suas carreiras científicas. Algumas encontraram caminhos menos árduos devido à influência de figuras masculinas em suas vidas, homens que ocupavam posições de prestígio e contribuíram para sua inserção no campo científico. Outras, por outro lado, precisaram superar barreiras impostas por um sistema androcêntrico para acessar e produzir conhecimento científico.

Apesar do papel fundamental das mulheres na construção da ciência, há ainda uma notável falta de estudos que valorizem suas contribuições, particularmente no campo da zoologia. Este trabalho buscou contribuir para suprir a lacuna acerca dos estudos sobre mulheres na ciência ao evidenciar que a zoologia é um campo científico também formado por mulheres, cujas trajetórias e pesquisas muitas vezes foram ignoradas. Resgatar essas histórias é essencial para reconhecer o valor de suas contribuições e garantir

que sua relevância seja devidamente reconhecida. Assim, o objetivo deste estudo foi não apenas resgatar essas memórias, mas também reforçar a importância das mulheres na ciência, contribuindo para uma perspectiva mais inclusiva que reconheça e valorize suas contribuições fundamentais para o progresso do conhecimento científico.

**SOBRE AS AUTORAS:**

Thamires Luana Cordeiro

[thamiresluanac@gmail.com](mailto:thamiresluanac@gmail.com)

Universidade Federal de Santa Maria

Isabel Maria Coelho de Oliveira Malaquias

[imalaquias@ua.pt](mailto:imalaquias@ua.pt)

Universidade de Aveiro

Lenira Maria Nunes Sepel

[lenirasepel@gmail.com](mailto:lenirasepel@gmail.com)

Universidade Federal de Santa Maria

Artigo recebido em 18 de dezembro de 2024  
Aceito para publicação em 22 de abril de 2025



Todo conteúdo desta revista está licenciado em Creative Commons CC By 4.0.